

## Entre a Comunicação e a Educação: audiovisuais e Estilos de Aprendizagem<sup>1</sup>

Vanessa Matos dos SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

### RESUMO

O presente artigo aborda a prática da produção audiovisual, embasando-se nos estilos de aprendizagem. O aporte dos estilos permite que se pense audiovisuais mais focados nas necessidades de aprendizagem dos Sujeitos. A partir do conhecimento das formas como as pessoas assistem tais conteúdos, a pesquisa mostra a relação existente as preferências audiovisuais e o estilo de aprendizagem predominante de uma pessoa. A relação entre preferências audiovisuais e estilos foi obtida por meio de pesquisa realizada com alunos de graduação da *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED) de Madrid, na Espanha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Educação; Produção Audiovisual; Estilos de aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

A concepção de um mundo cada vez mais fluido e conectado faz com que as pessoas busquem formas de potencializar não só a utilização do tempo, mas sobretudo, as estratégias de aprendizagem. Num cenário marcado pela competitividade, a ampliação das possibilidades de aprendizagem transforma-se num diferencial importante que precisa ser levado em consideração. Assim sendo, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os materiais audiovisuais educativos de acordo com os estilos de aprendizagem, indicando caminhos e estratégias de utilização. Soma-se a este aspecto, o fato de que os audiovisuais podem proporcionar o desenvolvimento de estilos menos desenvolvidos nos alunos, ampliando as oportunidades de aprendizagem. Partindo destes pontos, e tendo como respaldo teórico a Teoria dos Estilos de Aprendizagem, a pesquisa aponta como os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Doutora em Educação Escolar pela Unesp / Araraquara –SP, com estágio doutoral no exterior realizado na UNED em Madrid, Espanha. Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA – USP. Docente de Telejornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com atuação também no Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da mesma instituição. E-mail: vanessamatos@ufu.br e vanmatos.santos@gmail.com

audiovisuais podem ser utilizados para situações de aprendizagem, assim como também apresenta caminhos para pensar a gestão de conteúdos audiovisuais de forma mais personalizada.

## 2 MÍDIAS E ESTILOS DE APRENDIZAGEM

A relação das mídias com a educação (e aqui mais especificamente com o processo de aprendizagem) é bastante antiga. Ao longo dos anos, as mídias tem prestado importantes contribuições à educação e vice-versa. Apesar disso, por vezes, os campos se confundem e podem entrar em atrito. É importante destacar que a área da Comunicação não tem para com a sociedade as mesmas funções que a Educação<sup>3</sup>. Enquanto a Educação está voltada para a formação dos Sujeitos, a Comunicação pressupõe, em sua essência, a relação, a partilha entre os Sujeitos (MUNIZ SODRÉ, 2014; MARCONDES FILHO, 2010). Tal relação de partilha e comunhão pode ou não estar relacionada ao ideal da Educação, mas não exclusivamente. Isto posto, fica claro que o viés educativo é apenas uma das possibilidades da Comunicação. Nem sempre as mídias desempenharão papéis educativos na acepção defendida pelo campo da Educação.

A Educação tem sido cada vez mais desafiada porque é constantemente convocada a formar cidadãos capacitados para este novo contexto que, povoado pelas novas tecnologias, também repõe a discussão sobre uma educação extramuros e que possa ser mais democrática. Aos poucos o ambiente escolar foi se estabilizando com as tradicionais tecnologias colocadas à disposição do professor: giz, lousa, livros e cadernos. Tecnologias que, incorporadas à cena da educação escolar, não se traduziam mais como ameaças quer seja a construção do conhecimento, quer seja para o desenvolvimento do raciocínio crítico. Ao contrário, essas tecnologias auxiliam o professor em sala de aula, ampliam o processo de ensino-aprendizagem e dinamizam as aulas. A questão dos audiovisuais perpassa essa temática, mesmo porque os audiovisuais foram, durante muito tempo, considerados expressões máximas das tecnologias voltadas para o ensino e também aprendizagem.

Além disso, é preciso atentar para o fato de que o temos em voga é um fenômeno caracterizado pelo desenvolvimento de novas aprendizagens. Embora existam estudiosos, à exemplo de Prensky (2001) e Don Tapscott (1998), que defendem que essas novas aprendizagens são características das novas gerações (“nativos digitais” para Prensky e

---

<sup>3</sup> Utilizamos aqui os termos "Educação" (com E maiúsculo) para fazer referência à área do conhecimento, campo do Saber e "educação" para a concepção geralmente utilizada de educação como um todo.

“geração net” para Tapscott), é preciso ter em mente que a alteração das aprendizagens não é um fator ligado unicamente à dimensão cronológica dos seres humanos, nem tão pouco algo que dependa apenas e tão somente do manuseio da tecnologia. Diferente disso, o que se observa é que os usos que são feitos da tecnologia é que influenciam (jamais determinam) a fluência dos Sujeitos na interação com as ferramentas digitais (Santos, 2013). A ideia de que os adultos pensam em “impresso” e o pressuposto de que os nativos digitais elaboram seu aprendizado sob a forma de textualidades digitais com a utilização de vários sentidos (áudio, imagem, etc) (HAYLES, 2008), fomenta uma postura preconceituosa que cristaliza o potencial inerentemente humano de criar, recriar e constantemente reinventar-se. Essa postura pode, inclusive, negar à demanda que mais necessita reais possibilidades de aprendizagem por meio das tecnologias (SANTOS, 2014).

Nesse sentido, e assumindo a perspectiva democrática, a utilização de diferentes sentidos implica em uma ampliação das possibilidades de aprendizagem porque o mesmo conteúdo pode ser disponibilizado segundo diferentes aspectos. Embora este princípio não seja recente, ele nunca esteve tão próximo e exequível como agora, dadas as facilidades permitidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Neste sentido, o material audiovisual pode ser apontado como uma possibilidade de ampliação do potencial educativo. Importante destacar que sob o rótulo audiovisual “é possível perceber um amálgama de técnicas e/ou materiais, de forma a possibilitar a experiência sensorial concreta e direta; experiência representativa e experiência simbólica” (SUBTIL; BELLONI, 2002, p.53). Esses materiais podem, grosso modo, ser divididos em vídeos, televisão, teleconferência e videoconferência.

O arsenal teórico disponível para estudos dos vídeos e da televisão é mais amplo. Ambos utilizam imagem e som, com a diferença de que a televisão implica a impossibilidade de flexibilidade para repetição de conteúdos (tempo e espaço são fixos). Os vídeos podem ser reexibidos, pausados etc, de acordo com a necessidade do aprendiz (MORAN, 1995). A teleconferência pressupõe uma conferência (reunião entre pessoas) realizada de modo mediado por alguma tecnologia. Moore e Kearsley (2007) destacam quatro modalidades de teleconferência, sendo elas: por áudio, audiográfica, por vídeo e por computador. A videoconferência, por sua vez, pressupõe necessariamente a existência de som e imagem em uma reunião mediada tecnologicamente.

Todas estas possibilidades tecnológicas conectam-se no sentido de que assumir que vivemos em uma sociedade em constante transformação implica em compreender os

desdobramentos dessas mudanças e buscar sempre formas que assegurem ao Sujeito transitar de forma significativa no mundo, não apenas usufruindo, mas também compartilhando seus saberes. Nesse contexto, a aprendizagem ocupa a centralidade do processo de transformação nas sociedades contemporâneas. Aprender torna-se uma necessidade e a aprendizagem é o meio pelo qual o homem adquire conhecimentos que o habilitam a transitar no mundo transformado pelas tecnologias. Os estilos de aprendizagem estão inseridos neste contexto de busca por mais aprendizado sobre nós mesmos, sobre a forma como aprendemos e, sobretudo, como podemos potencializar nossas capacidades e habilidades para aprender a aprender.

Se levarmos em consideração a História da Educação, os estudos sobre estilos são relativamente novos, mas começaram a ganhar projeção em decorrência de variadas pesquisas que buscavam compreender por que pessoas que compartilhavam o mesmo lugar e contexto não adquiriam, necessariamente, as mesmas aprendizagens. É importante destacar também o lugar de onde falamos. Frequentemente, os estilos de aprendizagem também são confundidos com as preferências de aprendizagem e estratégias de aprendizagem. O Estilo de Aprendizagem estabelece relação com a maneira como habitualmente adquirimos conhecimentos, habilidades ou atitudes. Isso pode ocorrer por meio do estudo sistemático ou da experiência. As preferências de aprendizagem dizem respeito à forma preferida para aprender um determinado conteúdo e podem sofrer variações de aluno para aluno em função das atividades propostas, ou seja, não é uma característica estável. As estratégias de aprendizagem, por sua vez, dizem respeito ao plano que se adota para adquirir conhecimento, habilidades ou atitudes, quer seja por meio do estudo ou da experiência. Trata-se, sobretudo, das formas com que se decide aprender: demonstração, discussão, prática.

Do ponto de vista histórico, diversas teorias e estudos surgiram ao longo dos anos buscando trabalhar com a ideia de buscar saber quais são as melhores formas de potencializar o aprendizado e alavancar a produtividade de uma maneira geral. No campo educacional especificamente, as propostas se multiplicaram a partir da década de 1950, conforme abordaremos adiante. Para estabelecer essa diferenciação que, embora tênue, pode induzir a equívocos, é importante ter clara a definição de estilos de aprendizagem. Adotamos o entendimento de Alonso, Gallego e Honey (2007) que, por sua vez, apoiam-se na definição de Keefe (1988 *apud* ALONSO; GALLEGO; HONEY, 2007), para quem os estilos de aprendizagem são as características cognitivas, afetivas e fisiológicas que servem

como indicadores relativamente estáveis de como os discentes percebem, interagem e respondem em seus ambientes de aprendizagem. A definição aqui adotada leva em conta características mentais, emocionais, sociais e fisiológicas. Por abarcar uma gama de dimensões, os Estilos de Aprendizagem são relativamente estáveis, mas isso não significa que não possam ser alterados. As alterações podem ser alcançadas, inclusive como uma forma de desenvolver novas habilidades de aprendizagem, mediante treinos e exercícios específicos (HONEY; ALONSO; GALLEGU, 2007).

Com relação ao enfoque adotado, a forma como um Sujeito utiliza seu estilo cognitivo para situações de aprendizagem dá lugar a seu estilo de aprendizagem, uma vez que o estilo de aprendizagem é resultado do estilo cognitivo e das estratégias de aprendizagem. Os estilos cognitivos são estáveis, mas as estratégias podem ser alteradas, mudadas e adaptadas em função das necessidades do Sujeito aprendiz. Isso significa que, a partir do momento em que os estilos cognitivos passam a ser aplicados em situações de ensino e aprendizagem, portanto educativas, tem-se uma aplicação de seus estilos de aprendizagem (ALONSO; GALLEGU; HONEY, 2007).

Assim como existem diversas teorias sobre os estilos de aprendizagem, existem também diversos instrumentos de diagnóstico. Nesta pesquisa e, assumindo a consonância com a perspectiva teórica adotada, optou-se pela utilização do instrumento elaborado por Catalina Alonso. Este instrumento foi elaborado para a identificação dos estilos de aprendizagem recebeu a denominação de Questionário Honey-Alonso sobre Estilos de Aprendizagem (CHAEA<sup>4</sup>) e passou por uma série de testes confiabilidade. Alonso elaborou uma listagem com as principais características relacionadas aos diferentes estilos, sendo elas: Ativo (animador, improvisador, descobridor, arriscado, espontâneo), Reflexivo (ponderado, consciencioso, receptivo, analítico, abrangente), Teórico (metódico, lógico, objetivo, crítico, estruturado) e Pragmático (experimentador, prático, direto, eficaz, realista). Ao responder o questionário, o aluno tem acesso às pontuações obtidas em cada um dos quatro estilos<sup>5</sup>.

A ideia de que o docente tem uma maneira própria de trabalhar os conteúdos pode ser também chamada de estilo de ensinar. Obviamente, para obter o melhor de seus alunos,

---

<sup>4</sup> O questionário CHAEA, adaptado para a língua portuguesa, pode ser acessado por meio do link: <http://www.lantec.fe.unicamp.br/questionario/>

<sup>5</sup> É importante destacar que os quatro estilos estão sempre presentes nas pessoas. As pontuações obtidas no questionário permite que a pessoa perceba qual seu estilo predominante e o mais frágil. A ideia central é que a pessoa tenha condições de desenvolver amplamente suas possibilidades de aprendizagem por meio do fortalecimento dos estilos menos acentuados.

o professor deve buscar desenvolver métodos que, se não sanam de vez as dificuldades, possam ao menos minimizá-las. Trata-se, sobretudo, de um processo de conhecimento acerca dos alunos. Os estilos de aprendizagem podem auxiliar o docente na busca de atividades que privilegiem múltiplos estilos. A ideia de “ajustar” os estilos de ensinar aos estilos de aprender tem sido constantemente rechaçada, principalmente por conta da diversidade de formas de ensinar que nem sempre podem ser perfeitamente encaixadas às preferências dos alunos. Ademais, assumir que as atividades sejam pensadas apenas com o objetivo de encaixá-la com o estilo do aluno pressupõe uma acomodação que não leva o discente a desenvolver outras habilidades de aprendizagem por meio do exercício constante com outros estilos.

Por outro lado, oferecer atividades radicalmente contrárias ao estilo predominante de um aluno como motivação pode resultar em uma situação frustrante em que o discente acumula fracassos diante das dificuldades que não consegue resolver. Sobre este tema dos ajustes, Gallego, Alonso e Cacheiro (2011) ponderam, com base em seus estudos, que existem fortes indícios que alunos e professores podem, muitas vezes, serem beneficiados por “desajustes”, pois tem a oportunidade de desenvolver outras formas de aprendizagem. O que pode ser feito é um equilíbrio e uma ponderação, por parte do docente, das atividades trabalhadas que podem hora privilegiar um estilo, hora outro. Ademais, existem atividades que, por sua natureza, estão voltadas para determinados estilos que para outros. É impossível que o professor desenvolva atividades específicas para cada um de seus alunos, mas ele pode buscar formas de garantir metodologias plurais que privilegiam a todos, ainda que em diferentes momentos. De forma geral, os estilos, na concepção de Alonso e Gallego, podem ser sintetizados em função das características expressadas pelas pessoas em situações de aprendizagem (quadro 1).

**Quadro 1 – Estilos e suas características**

<b>ESTILO</b>	<b>OUTRAS CARACTERÍSTICAS</b>
<b>Ativo</b>	Criativo; gosta de novidades; aventureiro, renovador, inventor, vital, gosta de viver a experiência, gerador de ideias, liberado, protagonista, chocante, inovador, conversador, líder, voluntário, divertido, participativo, competitivo, desejoso por aprender, solucionador de problemas, mutante.
<b>Reflexivo</b>	Observador, compilador, paciente, cuidadoso, detalhista, elaborador de argumentos, previsor de alternativas, estudioso de comportamentos, registrador de dados, investigador, assimilador, redator de informes / relatórios, lento, distante, prudente, inquisidor, sondador.
<b>Teórico</b>	Disciplinado, planejado, sistemático, ordenado, sintético, razoável, pensador, relacionador, generalizador, buscador de hipóteses, buscador de teorias,

	buscador de modelos, buscador de perguntas, buscador de supostos , buscador de conceitos, buscador de finalidade clara, buscador de racionalidade, buscador dos porquês, buscador de sistemas de valores, critérios, inventor de procedimentos, explorador.
<b>Pragmático</b>	Técnico, útil, rápido, decidido, planejador, positivo, concreto, objetivo, claro, seguro de si, organizador, atual, solucionador de problemas, aplicador do aprendido, planejador de ações.

Fonte: Alonso, Gallego, Honey, 2007

### 3 PREFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS E ESTILOS DE APRENDIZAGEM

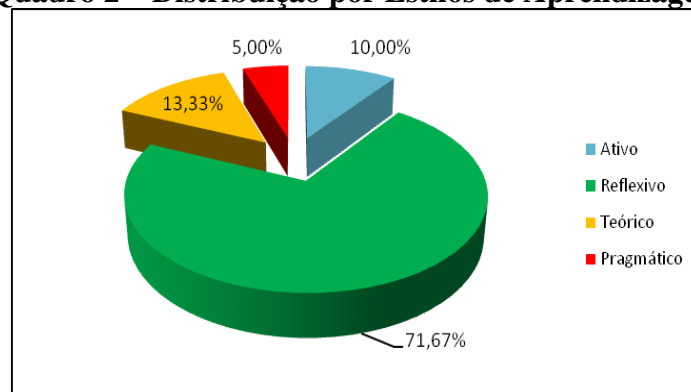
Esta pesquisa buscou conhecer - e também saber em que medida - o estilos de aprendizagem predominante de uma determinada pessoa influencia em suas escolhas audiovisuais.

Tendo por base estes aspectos, o *locus* desta investigação foi a Universidade Nacional de Educación a Distancia (UNED) na Espanha. Os cursos ofertados pela UNED se desenvolvem segundo a lógica do estudo autodirigido. A população foi composta por discentes do curso de Graduação em Educação Social, mais especificamente os discentes que cursaram a disciplina "*Medios, tecnología y recursos para la intervención socioeducativa*". A eleição desta disciplina foi feita com base nos conteúdos previamente conhecidos pelos estudantes, uma vez que, para cursá-la, é necessário cursar antes disciplinas como "*Comunicación y Educación*" e "*Sociedad del conocimiento, tecnología y educación*". Isso significa que a relação entre educação e mídias já era previamente conhecida pelos estudantes. As preferências só se manifestam diante de algo que já se conhece e que, portanto, não exerce mais impacto pela novidade. A amostra desta pesquisa foi selecionada de acordo com as necessidades da investigação, de forma não-probabilística. Trata-se de uma amostra por conveniência em que os selecionados possuem características semelhantes com relação aos demais (MCMILLAN; SCHUMACHER, 2011).

Tendo como objetivo geral compreender os materiais audiovisuais educativos de acordo com os estilos de aprendizagem, indicando caminhos e estratégias de utilização, e levando em consideração as características do *locus* e da população envolvida, o desenho desta pesquisa foi dividido em fases. Tal divisão se presta apenas a uma questão didática de representação, pois, na verdade, as etapas ocorreram simultaneamente, de acordo com a dinâmica da própria pesquisa. A primeira parte da pesquisa, de caráter quantitativo e qualitativo, teve o objetivo de conhecer o perfil social da amostra selecionada, bem como a

distribuição dos estilos de aprendizagem na amostra selecionada. O instrumento selecionado para coletar estes dados foi um questionário disponibilizado na plataforma virtual de aprendizagem utilizada pela instituição. Este instrumento foi produzido pela autora com supervisão dos professores da disciplina em questão. De uma forma detalhada, a primeira parte do questionário foi dividida em temas, elencados em função do que abordavam: tema I – gênero, tema II – distribuição por estilos de aprendizagem; tema III – tempo de uso diário dos meios de comunicação; tema IV – valoração da qualidade da conexão com a internet; tema V – tipo de uso que os alunos fazem dos recursos de forma geral; tema VI – recursos multimídia audiovisuais, tema VII – recursos multimídia audiovisuais educativos. Neste instrumento, o aluno deveria indicar suas pontuações para cada estilo de aprendizagem e em, seguida, responder as questões pertencentes a cada um dos temas. Para evitar que os alunos se confundissem foi disponibilizado o *link* para o questionário CHAEA para o diagnóstico do estilo predominante do aluno. Ao final de 3 semanas, foi possível totalizar as respostas de 63 sujeitos que se converteram em amostra dessa investigação em sua parte quantitativa e qualitativa. Do total de 63 questionários respondidos, 3 foram rejeitados devido à inconsistência das respostas. Um deles estava em branco e outros dois estavam incompletos. Isso significa que para esta parte da análise, contaram-se 60 sujeitos participantes. Os dados levantados permitiram obter um delineamento do perfil do grupo, bem como conhecer suas preferências audiovisuais em função dos estilos de aprendizagem. No que se refere à distribuição, obtida pela tabulação dos dados, nesta pesquisa pode-se verificar que existe uma predominância do estilo reflexivo (71,76%) em detrimento de outros estilos, como teórico (13,30%) e ativo (10%). O estilo pragmático, caracterizado essencialmente pela habilidade em colocar os termos em prática aparece com a maior defasagem (5%).

**Quadro 2 – Distribuição por Estilos de Aprendizagem**



Fonte: elaborado pela autora



Estes números demonstram que, mesmo na educação a distância (posto que os dados foram colhidos a partir de alunos da UNED), caracterizada essencialmente pela autonomia do aluno e que impõe, necessariamente, uma nova dinâmica no acesso ao conteúdo e construção do conhecimento, ainda é grande o número de pessoas que desenvolvem o estilo reflexivo, à semelhança do que ocorre no ensino presencial tradicional. Isso demonstra que, nem sempre o discurso e metodologias inovadores encontram alunos preparados para ambientes tão inovadores do ponto de vista pedagógico. Essa situação se deve, em grande medida, às características desse grupo específico, cuja média de idade é de 38 anos, ou seja, trata-se de uma geração que ainda carrega o modelo de ensino tradicional e procura desenvolvê-lo em uma nova situação caracterizada, entre outros fatores, pela separação física entre professor e aluno, mediatização do conteúdo, etc. Por mais que o ambiente seja novo e imponha uma nova dinâmica de estudos, carrega-se, culturalmente, muito do modelo tradicional que apregoa, em grande medida, o desenvolvimento do estilo reflexivo.

A observação dos dados descritivos, por meio da tabulação e análise detalhada das respostas obtidas em função de cada estilo foi seguida da análise inferencial dos dados. Buscou-se, nesta etapa da pesquisa, conhecer e detalhar as especificidades de cada estilo e suas preferências audiovisuais. É importante destacar que, para esta etapa, levou-se em consideração os estilos predominantes. A análise seguinte levou em consideração também a compreensão dos sujeitos dissonantes, ou seja, sujeitos que não se encaixavam no perfil verificado na maioria. Acredita-se que esta tenha sido uma das maiores contribuições desta investigação porque ficou claro que, além da individualização do sujeito, foi possível observar também que, mesmo fugindo ao perfil predominante, muitos desses indivíduos tinham preferências altas ou muito altas em outros estilos – fato verificável por conta da construção de uma escala específica. Isso significa que existe a influência marcada de outros estilos.

No que se refere aos estilos de aprendizagem predominantes, levou-nos às constatações presentes no quadro 3 quanto às preferências audiovisuais dos Sujeitos em função de seus estilos. Não se trata, no entanto, de uma forma fechada de compreender as preferências em função dos estilos e sim uma primeira forma de esquematizá-las. Para a construção do quadro, optou-se por níveis de valorização de pontos específicos (supervalorização, média valorização, pouca valorização) que definem o grau de

importância atribuído a um aspecto do audiovisual. Importante destacar que este é apenas um ponto de partida para análises mais pormenorizadas.

### Quadro 3 – Preferências audiovisuais em função dos Estilos de Aprendizagem

<b>Estilos</b>	<b>Acesso aos Audiovisuais</b>	<b>Características gerais</b>
<b>Ativo</b>	-Assistem audiovisuais preferentemente pela internet em combinação com outras atividades.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Super valorização da História contada (qualidade de roteiro)</li> <li>- Necessidade de roteiros com histórias afetivas e dinâmicas</li> <li>- Média valorização da imagem e do som (ambos são igualmente importantes).</li> <li>- Super valorização de audiovisuais que despertem para a reflexão</li> <li>- Super valorização de audiovisuais que sejam autoexplicativos</li> </ul>
<b>Reflexivo</b>	- Assistem aos audiovisuais pela televisão e também pela internet (preferencialmente pela internet para que possam pausar o conteúdo e revê-lo, se necessário).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Super valorização da História contada (qualidade de roteiro)</li> <li>- Necessidade de roteiros com histórias afetivas e pausadas</li> <li>- Média valorização do som</li> <li>- Média valorização da imagem</li> <li>- Super valorização de audiovisuais que despertem para a reflexão</li> <li>- Super valorização de audiovisuais que sejam autoexplicativos</li> </ul>
<b>Teórico</b>	- Assistem aos audiovisuais pela televisão e também pela internet, preferencialmente pela televisão de forma focalizada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Super valorização da História contada (qualidade de roteiro)</li> <li>- Necessidade de roteiros com histórias afetivas e estruturadas</li> <li>- Média valorização do som</li> <li>- Média valorização da imagem</li> <li>- Média valorização de audiovisuais que despertem para a reflexão</li> <li>- Pouca valorização de audiovisuais que sejam autoexplicativos</li> </ul>
<b>Pragmático</b>	- Assistem aos audiovisuais pela televisão e também pela internet, preferencialmente pela internet.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Super valorização da história contada (qualidade de roteiro)</li> <li>- Necessidade de roteiros com histórias afetivas e dinâmicas</li> <li>- Super valorização do som</li> <li>- Super valorização da imagem</li> <li>- Média valorização de audiovisuais que despertem para a reflexão</li> <li>- Média valorização de audiovisuais que sejam autoexplicativos.</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora

Com relação à predominância dos estilos, tem-se que: alunos de estilo predominantemente ativo tendem a buscar nos audiovisuais educativos uma forma de interação. Para eles, os audiovisuais precisam conter desafios. Este tipo de aluno tende a

não valorizar tanto os materiais autoexplicativos por, possivelmente, entenderem que não implicam desafios. Neste caso, é interessante que se trabalhe com materiais mais reflexivos, que favoreçam o desenvolvimento de novas habilidades nestes alunos, chamando-os a utilizar o desafio para pensar reflexivamente os audiovisuais. A busca de informações adicionais para completar o sentido de um material pode ser um excelente exercício para este tipo de aluno.

Alunos de estilo predominantemente reflexivo aparecem como os mais preocupados com a questão do tempo de estudos. Dadas suas características analíticas, são alunos que têm necessidade de roteiros com histórias mais pausadas e que oferecem tempo para que possam compreender a narrativa e tirar conclusões. Como forma de potencializar outras percepções, já que este estilo apresenta predominância de foco no conjunto, seria importante trabalhar com a observação de detalhes imagéticos e sonoros, bem como a conexão deles com o conteúdo da história. Os alunos predominantemente teóricos, por seu turno, necessitam de materiais audiovisuais mais estruturados, com roteiro explícito. Essa situação é claramente compreendida por seu estilo mais metódico, estruturado e lógico. Para potencializar outras formas de aprendizagem, recomenda-se que estes alunos desconstruam as narrativas e as recontem de outras formas. O docente poderia trabalhar com capítulos dos audiovisuais e pedir que estes alunos o reconstruam com uma lógica semelhante ou inversa.

Finalmente, alunos de estilo predominantemente pragmático, focalizam o conjunto com muita facilidade e buscam sempre a praticidade e a objetividade. Para eles, os audiovisuais educativos serão úteis se puderem apresentar algo que possa rapidamente ser colocado em prática. Entretanto, existem conteúdos que, embora não possam ser colocados em prática rapidamente, são igualmente importantes porque, não raro, ensejam formas de problematização e reflexão da realidade. Para este estilo, seria interessante que se trabalhasse a importância do som e da imagem na construção da narrativa. Nesse sentido, o docente poderia utilizar técnicas de transmutação midiática para explorar a geração de sentido no material estudado. Essas técnicas são compostas de deslocamento do áudio de uma determinada cena para verificação dos sentidos criados com e sem ele, bem como com a inserção de um novo áudio. De forma análoga, pode-se trabalhar com a imagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial dos audiovisuais perante a educação é evidente e, conforme a tecnologia evolui, é cada vez maior a utilização desses materiais. Ao longo da história, os audiovisuais sempre intrigaram os homens pelo fascínio que despertam e também por acessarem a subjetividade com tamanha eficácia. Além de proporcionar uma nova experiência, quando assistimos a um audiovisual desconectamo-nos da realidade por alguns instantes e somos capazes de vivenciar situações novas. A soma entre som e imagem é apenas o aspecto inicial de uma experiência extremamente rica e uma forma inovadora de relacionar-se com o audiovisual.

A constante busca pelo “formato ideal” em materiais audiovisuais educativos cria uma situação que não privilegia a execução de propostas comunicacionais efetivas, mas sim fórmulas prontas alinhadas com os progressos técnicos do momento. Tanto esta situação é real, que muito tem sido despendido financeiramente em projetos audaciosos do ponto de vista tecnológico que pouco ou nada alteram a realidade do Sujeito. Há ainda materiais que sequer conseguem atingir os objetivos pedagógicos propostos porque ignoram o sentido básico da relação.

O respaldo teórico dos estilos de aprendizagem serviu como forma de pensar o Sujeito nesse contexto levando em consideração sua individualidade. Além da proximidade com a teoria, a pesquisa também possibilitou uma nova visão acerca da relação existente entre os estilos de aprendizagem e as preferências audiovisuais, demonstrando - uma vez mais - a relação intrínseca existente entre Comunicação e Educação.

Dentre vários dados levantados e estudados, a pesquisa mostrou que, ao invés de cristalizar os conteúdos com uma catalogação, percebe-se que os audiovisuais podem atender a todos os estilos bastando apenas conhecer as situações e as estratégias que podem ser empregadas em função deles. Foi observado que, mais que a qualidade técnica, importa o quanto aquilo que se conta (ou narra) se inter-relaciona com o Sujeito. A qualidade técnica é importante, mas não é capaz de determinar as leituras que serão feitas do material, quanto menos os significados construídos.

Compreende-se que os audiovisuais educativos muitas vezes podem ser vídeos que não necessariamente foram produzidos para usos educativos, mas podem ser assim utilizados mediante a estratégia utilizada pelo professor. As potencialidades desses materiais, no entanto, serão atingidas mediante estratégias e, estas sim, são voltadas para

cada estilo de aprendizagem. A forma como tais estratégias serão pensadas também merece uma reflexão. Alonso, Gallego e Honey (2007) destacam que existem estratégias que podem potencializar os estilos de aprendizagem menos desenvolvidos e favorecer as possibilidades de aprendizagem dos Sujeitos em diferentes situações. Dessa forma, não se objetiva desenvolver o estilo que o aluno já tem desenvolvido, mas sensibilizá-lo para outras formas de aprendizagem. Conhecendo as preferências ou ainda os pontos mais destacados para determinados alunos, o docente é capaz de guiar a leitura do material, buscando atingir as potencialidades dele para todos os alunos. Seguramente, esta seria a situação ideal, mas sabe-se que nem sempre estas dinâmicas são possíveis. De todas as formas, foi possível destacar alguns parâmetros para a potencialização dos estilos de aprendizagem por meio de materiais audiovisuais. Finalmente, esta pesquisa demonstra que a fronteira entre Comunicação e Educação tende a se tornar cada vez mais tênue diante da complexidade da sociedade contemporânea que exige Sujeitos cada vez mais ágeis, aprendentes e conectados.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Catalina; GALLEGO, Domingo; HONEY, Peter. **Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora**. Madrid: Mensajero, 2007.

GALLEGO, Domingo J.; ALONSO, Catalina, M. ; CACHEIRO, María Luz (Coord.). **Educación, Sociedad y Tecnología**. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2011.

GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. Tradução de Maria Luiza Belloni. São Paulo: Loyola, 2004.

HAYLES, N. K. **Electronic literature: new horizons for the literary**. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Princípio da razão durante**, vol.III, tomo 5, "O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica" .São Paulo, Paulus: 2010.

MCMILLAN, James H.; Schumacher, Sally. **Investigación educativa:** una introducción conceptual. 5. ed. Pearson Addison Wesley, 2011.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** 2001. Disponível em: [www.vanzoliniead.org.br/wwwescola/.../int01\\_material\\_de\\_apoio.d..](http://www.vanzoliniead.org.br/wwwescola/.../int01_material_de_apoio.d..) Acesso em: 16 jan 2016.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distancia:** uma visão integrada. São Paulo: Pioneira Thomson, 2007.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon** (MCB University Press, Vol. 9 N. 5, October 2001).

SANTOS, Vanessa Matos dos. Audiovisuais para a educação a distância: pensando as preferências por meio dos estilos de aprendizagem. **Journal of Learning Styles**, UVV, volume 7, número 13, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SUBTIL, Maria José; BELLONI, Maria Luiza. Dos audiovisuais à multimídia: análise histórica das diferentes dimensões do uso dos audiovisuais na escola. In: **A formação na sociedade do espetáculo.** Edições Loyola, 2002.